

A LITERATURA FORA DE SI: ESCRIVIVÊNCIAS, VOZES E CORPOS POTENTES DE MULHERES NEGRAS EM BOM MESMO É ESTAR DEBAIXO D'ÁGUA, DE LUEDJI LUNA

Hanaliza Ferreira da Silva¹

Ivana Teixeira Figueiredo Gund²

Manuela Santos Dias³

Resumo: Este artigo analisa o álbum visual *Bom mesmo é estar debaixo d'água* (2020), da poeta, cantora e compositora baiana Luedji Luna. O objetivo é discutir as intersecções entre essa obra e outras linguagens, formas artísticas e midiáticas, em especial, por intermédio do contato entre poesia, música, performance e videoclipe, a fim de destacar a face contemporânea da arte construída em diálogos e expansões que promovem a dilatação de suas estruturas, linguagens e fronteiras. Além disso, destaca-se a importância dessa obra artística como um instrumento de reflexão sobre questões étnico-raciais, com maior ênfase, na valorização das identidades negras e no combate ao racismo. A escolha da artista para esse árduo caminho de luta é pela afetividade: o amor como ato de resistência e superação das dores sofridas pelas pessoas negras dentro de uma sociedade racista como é a nossa. Para a análise, optou-se por realizar três recortes intertextuais dentro do álbum visual: I) a canção *Ain't got no*, de Nina Simone; II) o poema *A noite não adormece nos olhos das mulheres*, de Conceição Evaristo; III) e o poema *Quase*, de Tatiana Nascimento. Três obras a serem percebidas pela perspectiva intermediária que Luedji Luna nos apresenta. Para as discussões propostas, utilizamos alguns conceitos basilares, como *intermedialidade* (CLÜVER, 2007) e (JUSTINO, 2015); *escrevivência* (EVARISTO, 2020) e *inespecificidade da arte* (GARRAMUÑO, 2014).

alguns conceitos basilares, como *intermedialidade* (CLÜVER, 2007) e (JUSTINO, 2015); *escrevivência* (EVARISTO, 2020) e *inespecificidade da arte* (GARRAMUÑO, 2014).

Palavras-chave: Arte contemporânea; Luedji Luna; Álbum visual; Intermedialidade.

Se o desamor é a ordem do dia no mundo contemporâneo, falar de amor pode ser revolucionário.

Silvana Silva

1 Mestranda do Programa de Mestrado em Letras – PPGL – UNEB. Graduada em Letras Língua Portuguesa e Literaturas – UNEB. E-mail: hanalizafs@gmail.com

2 Doutora em Estudos Literários – UFMG. Mestre em Teoria da Literatura – UFJF. Docente da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. E-mail: ivanatfgund@gmail.com

3 Mestranda do Programa de Mestrado em Letras – PPGL – UNEB. Graduada em Letras Língua Portuguesa e Literaturas – UNEB. E-mail:

1 Entrando em cena: mulheres negras em evidência

A concepção de arte intrínseca às normativas de autonomia e hierarquia é reformulada no contemporâneo. Nele, estruturas, suportes e técnicas, antes pensados como elementos classificadores, partilham movimentos no campo artístico apoiados em desconstruções de formas e de linguagens, o que promove não apenas o rompimento de fronteiras e especificidades de cada arte, mas, sobretudo, abre espaço para a amplificação das potencialidades, dos diálogos entre artes e também entre suportes midiáticos. Nessa arte construída de forma multissemiótica, há possibilidades de um entrecruzar-se de letra, performance, poética, música, cores, materiais e ambientes diversos. Antônio Andrade et. al (2018) afirmam que “na arte atual a forma se dá de modo aberto a partir de encontros fortuitos, de interações dinâmicas” (ANDRADE et al, 2018, p.129). Como parte desse hibridismo, constatamos os diálogos que vêm sendo construídos entre o campo literário e outros meios de manifestação da arte.

No que diz respeito à literatura, essa discussão, em certos aspectos, não pode ser considerada como novidade. O flerte entre a literatura e a música, por exemplo, não é de hoje. Sabe-se que, desde os primeiros registros de composição verbal, a expressão rítmica sempre participou por meio da seleção de palavras com efeitos sonoros que se combinam ou pelo uso de instrumentos musicais no ato performático de declamar os textos. Contudo, observa-se que, em função da popularização das tecnologias digitais, as possibilidades de diálogos entre as linguagens artísticas se ampliaram sobremaneira. Nessa perspectiva, o conceito de intermedialidade é importante à discussão que aqui se propõe, uma vez que dialoga com as tendências contemporâneas que fundem palavra poética escrita, performada e musicada. De acordo com Claus Clüver a palavra intermedialidade “é um termo relativamente recente para um fenômeno que pode ser encontrado em todas as culturas e épocas, tanto na vida cotidiana como nas atividades culturais que chamamos de arte” (CLÜVER, 2007, p. 9). Clüver destaca que, por “intermedialidade”, podemos compreender “todos os tipos de inter-relação e interação entre mídias” (CLÜVER, 2007, p. 09), ao passo que afirma ainda o rompimento da antiga solidez das artes. O conceito de mídia, para Clüver, amplia-se e pode ser pensado como algo que transmite um signo ou uma combinação de signos. Clüver (2007) sugere uma nova abordagem que inclua as diversas formas e linguagens das manifestações artísticas dentro do conceito “mídia”.

Esse potente diálogo proposto pela intermedialidade com mais frequência se dá na arte contemporânea, por seu caráter fluido e inespecífico (GARRAMUÑO, 2014), que se desconstrói para se misturar em formas diversas e que também podem estar em diferentes suportes midiáticos. Nessa arte contemporânea, mídias audiovisuais como o cinema e a fotografia mesclam-se à apresentação do poema, da música e da dança. A literatura, nessas partilhas artísticas, não se diminui, mas ganha som, movimento, gestos, cores, expressões. Fundem-se mídias e linguagens, nascem novos gêneros.

O álbum visual, por exemplo, é um produto artístico relativamente novo, que vem registrando sua assinatura no cenário da música nacional e internacional. A fusão, combinação, transposição e as múltiplas relações possíveis entre as mídias possibilitam uma experiência ímpar que coloca em jogo a capacidade de ouvir, ver, sentir e criar possíveis narrativas entre as canções. A ideia de conectar imagem, som, movimento e linguagem corporal transfigura-se em novas possibilidades de leituras, experienciadas pelos leitores/ouvintes a partir da ativação e da conexão de estímulos visuais e sensoriais. Para tratar desse assunto, escolhemos como *corpus* desse trabalho o álbum visual *Bom mesmo é estar debaixo d'água* (2020), da poeta, cantora e compositora baiana Luedji Luna (1987).

O trabalho de Luedji Luna destaca-se no cenário artístico atual por lançar mão da intersecção de novos meios e suportes, desestabilizando estruturas fechadas em si e hierárquicas. Graduada em Direito pela União Metropolitana de Educação e Cultura – UNIME (2012), a artista optou por não atuar nos contextos de sua formação acadêmica. Investe então em sua carreira musical e inicia aulas de canto na Escola Baiana de Canto Popular. Em 2017, lança o seu primeiro álbum: *Um corpo no mundo*. Esse trabalho foi integrado por músicas que repercutiram em sucesso como *Asas*, *Dentro ali*, *Banho de folhas* e a faixa que dá título ao álbum.

O álbum visual *Bom mesmo é estar debaixo d'água* foi produzido pela cineasta Joyce Prado, jornalista formada em rádio e TV pela Universidade de Belas Artes de São Paulo. O álbum propõe um mergulho íntimo nos universos múltiplos de mulheres negras. A experiência rítmica e visual, que mistura elementos sofisticados do jazz e estilos africanos contemporâneos aos sons do vento, do mar, vozes da cidade no carnaval, barulho da porta que se fecha, choro e riso, imprime sensibilidade, maturidade e uma estética ímpar desse produto que se destaca no cenário musical.

Bom mesmo é estar debaixo d'água é construído pela poética de Luedji Luna a partir de suas performances e letras musicais em partilha com outros artistas, como Lande Onawale, Ravi Landin, François Muleka e Cidinha da Silva. A arte da cantora realiza releituras de canções e poemas de influentes vozes de mulheres negras que foram e são ativas na luta pelos direitos civis dos negros, em momentos anteriores e atuais. Nesse álbum visual, Nina Simone, Sojourner Truth, Conceição Evaristo e Tatiana Nascimento percorrem a poética intertextual de Luedji Luna, intensificando a sua proposta de reflexão sobre as vozes e os corpos negros ali-cercados em temas como solidão, raiva, cura e amor.

Para tratar de tal recorte temático, este trabalho se apoia nas reflexões que pensam a literatura contemporânea em face de conceitos como o de *intermedialidade* (CLÜVER, 2007) e (JUSTINO, 2015), e de *inespecificidade da arte* (GARRAMUÑO, 2014). As discussões aqui levantadas pretendem dialogar com as características do álbum visual, percebendo a composição heterogênea e a intersecção de vozes que Luedji Luna nos apresenta em seu segundo álbum. Considerou-se importante a este percurso, construí-lo à luz do conceito de *escrivência* (EVARISTO, 2020).

Buscamos perceber como os corpos e vozes negros participam dessa literatura contemporânea a partir de suas subjetividades e experiências individuais e coletivas.

Optou-se por realizar três recortes intertextuais dentro do álbum visual que perpassam as vozes de: I) Nina Simone; II) Conceição Evaristo e III) Tatiana Nascimento. O primeiro recorte é feito na canção *Ain't got no*, de Nina Simone, interpretada por Luedji Luna. O segundo recorte é feito na interpretação de Conceição Evaristo em seu poema *A noite não adormece nos olhos das mulheres*. E por último vem à abordagem o poema *Quase*, de Tatiana Nascimento.

2 A arte de Luedji Luna: transas e trânsitos entre mídias no contemporâneo

A arte contemporânea vive um fértil momento de produções que questionam e estimulam o fazer artístico em múltiplos campos. Observa-se que o trânsito entre as linguagens ou expressões estéticas é uma demanda constatada pelos críticos como fenômeno capaz de captar a aura dos tempos atuais. A literatura, como arte da palavra, não se limita hoje aos espaços restritos das letras nem ao suporte estático do papel, uma vez que se expande para novos meios e suportes que comportam os interesses e anseios do agora.

O álbum visual exemplifica bem o anseio atual de integração e diálogos entre as artes, por meio de linguagens que se unem e conectam emoções e universos distintos, constituindo uma nova sensação artística. De acordo com Cara Harisson (2014): “O álbum visual é um meio híbrido entre videoclipe e cinema; como o videoclipe, ele promove um álbum musical, e como o filme, é concebido como uma obra artística.” (HARRISON, 2014, p.17).

O crescimento e interesse pela produção e consumo desse formato, se popularizou com o lançamento de *Lemonade* (2016), da cantora negra norte-americana Beyoncé, que movimentou as estruturas sociais com debates como infidelidade, autoconhecimento, empoderamento feminino, papéis de gênero, violência policial e racismo.

Observa-se que as propostas que comportam as ideias de intermedialidade visam discutir os trânsitos entre literatura, música, dança, pintura, fotografia, cinema, arquitetura, escultura e outras artes, com intuito de destacar a relevância de seus suportes, bem como instalar todas as linguagens literárias em condição isonômica, sem separação pautada em valores hierárquicos. Luciano Barbosa Justino percebe que esses movimentos entre diferentes materiais produzem encontros, cruzam fronteiras, de modo que “A intermedialidade retira a literatura do especificamente literário, traz a literatura para viver-com, para assumir-se como necessariamente múltipla, tendo muito pouco de literatura, ou sendo a própria literatura apenas uma parte” (JUSTINO, 2015, p. 33).

O contemporâneo sugere maneiras de ser e estar no mundo que pedem diálogos e expansões em vários sentidos, tanto artísticos, quanto éticos. É importante perceber como os movimentos que surgem nas artes são capazes de capturar as vivências, bem como as complexidades dos acontecimentos e os aspectos sociais que solicitam reflexão e posicionamento político.

Seguindo uma tendência contemporânea – própria, sobretudo, dos grupos sociais que, historicamente, foram excluídos do processo de aquisição da plena cidadania e da garantia dos direitos –, que é a tendência de olhar o mundo e perceber que todos estão conectados em uma grande rede e que os desequilíbrios vivenciados são responsabilidade de todos, outros artistas usam suas artes, suas vozes, influências e visibilidade para discutir temas de relevância social. Dentre eles, pode-se incluir a obra artística da baiana Luedji Luna.

Em *Bom mesmo é estar debaixo d'água*, lançado no auge da pandemia do COVID-19, Luedji Luna apresenta um tema urgente e necessário, “o amor preto”, como definem alguns militantes do Movimento Negro. O termo faz referência aos afetos que as pessoas negras nutrem por si e pelos semelhantes, como forma de resistência. A reflexão que a artista propõe é olhar o mundo e perceber o quanto o racismo impacta no genocídio da população negra, bem como, na maneira como os negros se percebem e se encontram com os outros.

Por essa perspectiva, o racismo é um mecanismo de controle sobre o desejo e as ações do outro, é um *dispositivo* de morte que mutila e anula a existência humana. Sobre o conceito de *dispositivo*, Giorgio Agamben apresenta, inicialmente, o termo por intermédio do pensamento de Michel Foucault e, posteriormente, afirma: “[...] chamarei literalmente de dispositivo qualquer coisa que tenha, de algum modo, a capacidade de capturar, orientar, determinar, interpretar, modelar, controlar e assegurar os gestos, condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes” (AGAMBEN, 2009, p. 40).

Como um dos elementos formadores de nossa cultura e da nossa história, o racismo sustenta-se dentro dos domínios de um poder que ordena, controla, estabelece e mantém valores. Um poder que é indulgente com determinados humanos socialmente privilegiados – em sua maioria, pessoas de pele mais clara –, ao mesmo tempo em que os enquadra nos padrões econômicos, normas e comportamentos consoante ao que é conveniente a esse poder; por outro lado, para a população das classes menos prestigiadas socialmente – constituída, sobretudo, por negros e negras –, cabem as consequências do *racismo estrutural* – conceito cunhado por Silvio Luiz de Almeida (2019) –, que engendra a desigualdade racial e social, a desvalorização dos negros por sua característica étnico-cultural e também do legado cultural produzido por eles. O racismo, considerado crime no Brasil, é arma que produz violência, relega os seres humanos à marginalização, ao silenciamento, ao medo, à morte.

Luedji Luna, com sua arte, de maneira sutil e inteligente, propõe pensar que o amor é o caminho para superar diversas e profundas dores. Para a artista, o amor

permite se reconectar com a essência do ser e construir uma sociedade gentil para todas as pessoas, da forma como são e se compreendem, sem ter que experimentar formas de violências que limitam a experiência humana. O caminho que a artista sugere para desarmar esses dispositivos é o do amor próprio, a fim de que este se expanda e chegue aos que estão ao seu redor. Portanto, trazer, em uma construção artística, o amor como ato de resistência e enfrentamento das consequências do racismo parece ser uma atitude de coragem frente às dores diárias enfrentadas pelas pessoas negras: onde se quer violência, opta-se por consciência e destemor, mas também por afetividade.

Falar sobre um sentimento tão puro e nobre é um assunto caro para as pessoas pretas, principalmente, para mulheres, que desde a primeira infância experienciam situações de desamor, rejeição e violências com questões de profundo sofrimento, como são exemplos o colorismo, a palmitagem, a solidão da mulher negra, a imposição de padrões estéticos que desqualificam os traços identitários negros e estipulam modelos de beleza dentro dos padrões hegemônicos excludentes, entre outros temas relevantes nas discussões propostas pelo Movimento Negro.

bell hooks (2021)⁴ discute o tema do amor por intermédio de diversas perspectivas e deixa evidente que esse sentimento é uma necessidade humana que amplia e potencializa a existência em vários aspectos. hooks destaca que: “Quando podemos nos ver como realmente somos, e nos aceitamos, construímos os fundamentos necessários para o amor próprio” (HOOKS, 2021, p. 83). A autora chama a atenção para uma questão muito séria: a ideia que as pessoas criam sobre o amor pode apresentar equívocos, principalmente, quando se vivencia o sentimento a partir de relações violentas ainda na infância, visto que os pais são os primeiros que apresentam a vivência amorosa aos filhos. Ela reforça que: “Nós não nascemos sabendo como amar alguém, quer se trate de nós mesmos ou outra pessoa.” (HOOKS, 2021, p. 83). Por isso é imprescindível aprender amar de forma que garanta experiências positivas e construtivas:

Quando nós, mulheres negras, experimentamos a força transformadora do amor em nossas vidas, assumimos atitudes capazes de alterar completamente as estruturas sociais existentes. Assim poderemos acumular forças para enfrentar o genocídio que mata diariamente tantos homens, mulheres e crianças negras. Quando conhecemos o amor, quando amamos, é possível enxergar o passado com outros olhos; é possível transformar o presente e sonhar o futuro. Esse é o poder do amor. O amor cura. (HOOKS, 2006, p. 194)

É importante também construir uma imagem positiva sobre as mulheres negras. Estas tiveram seus corpos marcados e controlados pelo poder colonizador, que estereotipou, esterilizou, objetificou e reduziu a figura da mulher negra à inferioridade.

4 O nome bell hooks é aqui escrito com letra minúscula em consonância com o desejo dessa autora, ao destacar que as discussões étnico-raciais propostas por ela são mais relevantes que a autoria.

Evidenciar o protagonismo negro de maneira positiva, por meio das artes, devolve a humanidade aos corpos que foram rejeitados e lidos como escória. Essa mudança na construção das imagens de mulheres negras, na qual se elege destacar pontos contrastantes, diferenciação da perspectiva, postura crítica frente aos discursos, corrobora o pensamento do filósofo Jacques Derrida (2014), quando propõe que a humanidade precisa transgredir para transformar, ou seja, ir além do que está posto e entrever novas possibilidades a partir do que já se conhece, sem negar o que se sabe, mas propor novidade, a fim de que novos discursos sejam ouvidos, além das perspectivas autoritárias, violentas, hegemônicas e dominantes. Michel Foucault vai de acordo a esse pensamento de Derrida, ao afirmar que “a transgressão é um gesto relativo ao limite; é aí, na tênue espessura da linha, que se manifesta o fulgor de sua passagem, mas talvez também sua trajetória na totalidade, sua própria origem” (FOUCAULT, 2006, p. 32). Para Foucault, a transgressão – ação de estar no e ser limite –, concomitantemente desestabiliza o que foi anteriormente assentado em pilares histórico-culturais (por exemplo, como é, culturalmente, o racismo) e, por outro lado, propõe um movimento, abre caminhos pelos quais se pode repensar nossos modos de percepção sobre a vida e sobre os seres.

São grandes desafios da contemporaneidade: vislumbrar o não dito, recriar realidades deformadas e validar discursos silenciados. Para tanto, uma senda possível é a arte, pois ela amplia a lente e a dimensão da visão humana, além de sensibilizar por meio de recursos multissensoriais. Por isso, torna-se indispensável para a coletividade acessar produtos artísticos que discutam temas urgentes e necessários, como a falta de amor, que gera destruição, raiva, medo e aversão às diferenças. Cabe destacar que ao falar sobre um assunto tão caro para as mulheres negras – a capacidade de construir o amor próprio e o amor pelo outro –, cria-se um novo imaginário que estabelece valores iguais para todos os seres; uma força que, aos poucos e, sobretudo, respeitando as diferenças que tornam únicas cada pessoa em suas especificidades, pode ser capaz de produzir uma sociedade equânime.

Essa arte contemporânea, multissemiótica e transgressora em sentidos vários, mostra-se em estruturas, suportes e linguagens tão diversos, que nem sempre é possível definir limites entre as artes – aspecto que pode ser compreendido não como um problema a ser resolvido, mas como objetivo, proposta estética, constituição da arte contemporânea. Florencia Garramuño, (2014) discute a inespecificidade dessa arte e sua condição de pertencer e dialogar com universos que transitam e transam entre si.

Esses movimentos artísticos contemporâneos conversam diretamente com uma recepção da arte composta por pessoas introduzidas em um universo virtual de informações múltiplas e simultâneas. Grande parte dessas pessoas utiliza e consegue compreender suportes distintos e linguagens diferentes em um único instante. Essa arte, então, é capaz de se aproximar dos seres que a experimentam, pois, a maneira como a sociedade produz e recebe arte reflete a existência humana e os elementos que compõem essa arte se materializam pela força da ação,

do desejo e da intenção que se coloca nela. Mais que flertar com a vida comum, a arte contemporânea engendra uma relação profunda entre realidade e ficção. Amalgamando-as, possibilita-se um olhar crítico, a reflexão, a autonomia de pensamento para entender o contexto, os discursos, as coisas que nos cercam. Sobre isso, Wander Melo Miranda afirma que: “A realidade é construída pelos meios, pelas tecnologias e pelas ciências. Uma realidade que não quer ser representada, pois já é pura representação: tecido de imagens e palavras em diferentes velocidades, graus e densidades, interiores-exteriores a um sujeito (MIRANDA, 2014, p.137). As realidades, percebidas não como única verdade, mas em sua condição plural, mostram-se em suas camadas de subjetividades e relatividades e inserem-se na arte com força de matéria-prima.

Por esse prisma, algumas artes hoje querem acompanhar o espírito da atualidade e promover experiências pungentes, capazes de comunicar outros discursos e tensionar o que vem sendo lido como verdade absoluta há algum tempo, sem abandonar os saberes que aqui chegaram, mas atualizar as maneiras de existir no momento. Um exemplo dessa forma artística que mistura poesia, música, performance, técnicas de cinema e de videoclipe é o álbum visual de Luedji Luna – *Bom mesmo é estar debaixo d’água* –, que será nosso objeto de análise.

2.1 *Escrevivências*: produções artísticas dos corpos femininos negros

Luedji Luna (1987) compositora e cantora baiana, carrega a realzeza e a lua no nome. Nasceu no Cabula e cresceu em Brotas, bairros de Salvador (BA).

Em um *podcast* produzido pelo *site* Brasil de Fato (2020), a artista comenta que seus pais Orlando e Adelaide, historiador e economista, militantes do Movimento Negro, sempre tiveram a preocupação em evidenciar a necessidade de manter um posicionamento político, crítico e consciente, pautado no combate ao racismo e na luta por equidade racial, como reforça a cantora: “Eu era uma arma de guerra, de uma geração de filhos da militância que preparou seus filhos para tomar espaços de poder e romper com as barreiras do racismo” (LUNA, 2020). Ainda nessa entrevista, Luedji Luna destaca que a escrita a salvou durante a adolescência, período no qual vivenciou o racismo, como afirma: “[...] Eu era uma das poucas negras no lugar onde morava, no meu bairro, no colégio em que eu frequentava. E essa é uma história de muita solidão” (LUNA, 2020). A artista revela que, nesse período, a literatura tornou-se seu refúgio, lugar seguro, por meio do qual ela poderia experimentar toda sua potência, tanto como leitora quanto escritora de sua poesia-menina com alma de mulher.

A produção artística de Luedji Luna é amalgamada também às suas vivências, à sua inserção em um mundo racista. A arte de (con)fundir escrita e vivência ampliada e debatida pelo conceito de *Escrevivência* (EVARISTO, 2020) reflete sua obra: “É impossível ter a nossa arte, a nossa escrita, a nossa produção intelectual, não atravessada pela experiência individual e coletiva ao mesmo tempo” (LUNA, 2021).

Em 2021, a escritora e pesquisadora negra Mel Adún, uma das editoras da *Ogum's Toques Negros*, convidou Luedji Luna para participar da coletânea *Quilombellas Amefricanas Vol. 2*, composta por potentes vozes de mulheres negras. Segundo a cantora, “Foi uma oportunidade de rememorar minha experiência com a literatura” (LUNA, 2021), vivência que, de acordo com a artista, garante base e solidez para sua poética.

2.2 Bom mesmo é estar debaixo d'água: “o amor é uma demanda”

Lançado no ano de 2020, o álbum visual de Luedji Luna, *Bom mesmo é estar debaixo d'água* foi produzido na capital do Quênia, Nairóbi, localizada na África Oriental.

Durante a passagem das faixas observa-se a mudança dos cenários que se desdobram no Brasil, mais especificamente em São Paulo e em Salvador, capital da Bahia. As vozes, bem como os corpos das múltiplas existências de mulheres negras, se inscrevem nas narrativas e conduzem o leitor e o ouvinte a participarem da grande celebração e da reflexão sobre os afetos. Luedji Luna destaca que: “A água é um elemento ligado às emoções e a Oxum. O álbum visual carrega referências sobre minha religião e meu entendimento enquanto mulher negra. *Bom mesmo é estar debaixo d'água* é uma reflexão sobre afetividade de mulheres negras.” (LUNA, 2020, s/p.)

Em 2021, Luedji Luna concorreu à 22ª edição do Grammy Latino, na categoria *Melhor Álbum de Música Popular Brasileira* com *Bom Mesmo É Estar Debaixo D'Água* (2020). A artista afirmou que “ir para o Grammy com este trabalho específico é muito simbólico.” (LUNA, 2021). A obra indicada à premiação tem em sua estrutura, narrativas afetivas que firmam diálogo com um corpo feminino negro que merece experimentar o amor, resignificando as incumbências desses corpos nos estigmas de solidão e objetificação: “O racismo destituiu a nossa humanidade nesse sentido também. Se você tem um corpo demonizado, coisificado e animalizado, esse corpo não é digno de amor. A proposta é reconstituir esse sentimento, trazê-lo para perto, contar as nossas histórias a partir do nosso olhar” (LUNA, 2021, s/p).

O álbum é iniciado com um mergulho suave em águas cristalinas, com o toque do coração que pulsa em sintonia percussiva, ao som do poema “Uanga”, de Lande Onawale, poeta baiano, militante do movimento que publicou obras como: *O Vento* (2003), *Kalunga – poemas de um mar sem fim/poems of an infinite sea. Negro* (2011), *Sete – diásporas íntimas* (2011).

Na sequência, em perspectiva *voyeurista*, a câmera captura cada detalhe do corpo de Luedji Luna, que performa na praia ao som do mar, do vento e da música “Tirania”, composta por ela e Ravi Landin. O vestido vermelho leve que flutua ao toque do vento e o sol que ilumina sua pele preta, lábios grossos, olhos rasgados e cabelos crespos, conversam com a descrição dos seus traços ressaltados pela letra da canção.

Após a câmera fazer o movimento de travessia da Calunga Grande, sugerindo referência às diásporas africanas, a cantora surge ao som de *Chororô*, composta em parceria com François Muleka, no carnaval de Salvador, provavelmente no Pelourinho, como sugerem as imagens. O cenário urbano e noturno revela frases, pichações e arquitetura local que contrasta com a solidão evidenciada pela cantora, ao passear pelo carnaval só em meio à multidão.

Em diálogo com a temática, inicia a interpretação da canção *Ain't got no* (1968), que ficou conhecida na voz de Nina Simone. Luedji continua transitando pela cidade do carnaval, entra em casa, tranca a porta, sente o vazio e chora e logo a voz doce, suave, ancestral e potente, de Conceição Evaristo invade a cena e fortalece a personagem que transforma o choro em riso e gozo ao som do poema *A noite não adormece nos olhos das mulheres*.

Intitulada *Ain't I a woman?*, composta por Luedji Luna e Ravi Landin, a canção referencia o discurso de Sojourner Truth, pronunciado em 1851, por ocasião da *Convenção dos Direitos da Mulher*, em Ohio, nos Estados Unidos, que questiona seu direito e validação de fala nos movimentos de busca da emancipação feminina, que inicialmente priorizava mulheres brancas. A letra da música ressalta a reação e revolta da mulher negra diante do racismo, desamor e rejeição e protagoniza revolta e busca por justiça, performando a figura da Pomba Gira, entidade espiritual da Umbanda e do Candomblé, que representa força e os instintos femininos ao extremo, que induz ação com força e convicção.

Composta em parceria com Cidinha da Silva, escritora negra mineira, a canção *Lençóis* demonstra a superação da raiva e outros sentimentos que a impediam de vivenciar o amor em sua plenitude e apresenta o senso de coletividade como alternativa para cura e experiência positiva de contato com os outros. “Eu não me sinto só na imensidão do céu”, trecho da canção, remete-nos à superação da solidão que aparece em cenas anteriores do álbum.

Em *Quase*, da poeta Tatiana Nascimento, a conexão, a ancestralidade e a potência das mulheres negras que cultivaram e multiplicaram saberes ao longo do tempo se evidencia e ilustra a importância das múltiplas vozes e corpos se entrelaçarem para construir juntas um novo presente.

Em *Bom Mesmo É Estar Debaixo D'Água*, última canção e título do álbum, a narrativa segue fluida, rumo aos mares desconhecidos, por meio do mergulho que sugere o movimento cíclico da existência humana ao começar e encerrar a produção no mar.

2.3 Corpos e vozes pungentes: portais de ancestralidade e sabedoria

A ideia de escrivência, apresentada por Conceição Evaristo (2020) “se inicia na imagem da Mãe Preta que contava histórias para ninar os filhos de seus senhores” (EVARISTO, 2020, p. 30) e de acordo com a autora, a sua escrita assume um compromisso ético, de “borrar” ou ressignificar narrativas que foram instituídas

a partir do olhar colonizador, a fim de promover novos pontos de vista, fundados nas perspectivas dos povos que foram escravizados e silenciados, como destaca a autora: “E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. Por isso, afirmo: a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos” (EVARISTO, 2020, p. 30). Sua voz potente se ergue e traz consigo outras enunciações que foram sufocadas, bem como, discursos subalternizados e inferiorizados pelos colonizadores, como destaca:

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. (EVARISTO, 2020 p. 30)

Sem acesso à escrita, em função do sistema escravocrata, que anulou essa possibilidade para os negros no Brasil, a oralidade foi e ainda é um meio pelo qual a sabedoria ancestral se desloca no tempo, nos corpos que vivenciam e experimentam essas forças. No intuito de destacar e fazer valer o poder da fala na escrita, Evaristo (2020) evidencia: “Nos apropriamos da escrita sem esquecer a pujança da oralidade” (EVARISTO, 2020, p.31) A estética escolhida pela escritora preserva a expressão original de enunciação dos discursos em sua escrita e ratifica, em ação performática, a potência da ancestralidade.

Esse seria, assim, o grande compromisso ético pensado para o conceito de escrevivência: produzir, por intermédio da voz, do pensamento e das mãos negras, narrativas capazes de ressignificar identidades e apagar os estereótipos criados. Aqui, interessa-nos, sobretudo, pensar que esse é o mesmo compromisso assumido na produção artística do álbum visual de Luedji Luna: ser instrumento de reflexão histórico-social que se coloca a contrapelo do discurso hegemônico e constrói outros possíveis sentidos para as identidades negras representadas e valorizadas por essa obra de arte, de forma especial, as identidades das mulheres negras.

As escrevivências apresentadas no álbum visual de Luedji Luna enaltecem subjetividades que foram e ainda são negadas ou vistas como inferiores e incapazes de assumir protagonismo ou destaque na sociedade. Nesse sentido, a artista evidencia o poder da palavra falada e do corpo negro como mídia, que transporta memória, ancestralidade e conhecimento. Exemplo disso é a presença da música *Ain't got no, I Got Life* (1968), composta por Galt MacDermot, Gerome Ragni e James Rado, que se popularizou na consagrada voz de Nina Simone, ativista, cantora e compositora norte-americana. Na letra, ouve-se a voz negra que denuncia a condição de exclusão social dos negros, vivendo à margem dos direitos sociais, sem o acesso aos bens materiais – como sapatos, cama, casacos, dinheiro –, aos bens simbólicos – família, reconhecimento, educação –; ao mesmo tempo em que, na ausência de tudo, diante da tentativa de um poder que deseja reduzir os negros

ao nada social, a voz canta que tem, sobretudo, a si: sua pele, cabelos, boca, nariz, pensamento, identidade, liberdade. E isso é o que lhe permite ser resistência.

O álbum visual apresenta outras cenas impactantes, como a que aparece Luedji Luna transitando pelo carnaval de Salvador (BA), Em sua solidão chega em casa, tranca a porta e cai no choro. Contudo, a força de suas ações avança, quando a água cai pela torneira e lava seu rosto, ao som de *A noite não adormece nos olhos das mulheres*, de Conceição Evaristo, simbolizando a libertação ou alforria e suscitando o sentimento e desejo de justiça, por tudo que lhe fora feito até o momento. Sua feição muda, e em choro e riso ela performa o gozo da existência e segue em busca de justiça. A expansão dessas artes – poética, performática e musical – se vê concretizada no corpo de Luedji Luna que se mostra na força de seu olhar e dos seus gestos, deixando perceber que a relação intermediária, estabelecida nos diálogos entre literatura, performance e música em uma mídia audiovisual, alcança uma dimensão muito mais abrangente, mais profunda, mais humanizada, porque ali está a artista, em toda sua identidade de mulher negra, como portadora do sofrimento, mas também da memória e dos afetos de sua coletividade, de sua ancestralidade, projetando-se em um discurso de valorização que, certamente, chegará às gerações futuras.

Da transição entre a música de Nina Simone e o poema de Evaristo, o que se evidencia é o protagonismo negro e o desejo de manter vivas as memórias ancestrais. Para isso, pensa-se, especialmente, as mulheres negras como guardiãs dessa ancestralidade, como se escuta nos versos “em vigília atenta / vigia a nossa memória” (EVARISTO, 2021, p. 26). O poema de Evaristo denota o poder da lua sobre as mulheres que nunca dormem, ou seja, estão sempre de olhos abertos, a fim de não se deixarem vencer pelo sono e o cansaço: elas “virgulam o lapso / de nossas molhadas lembranças” (EVARISTO, 2021, p. 26), marcam a história e as memórias em um trabalho sem fim, pois, em meio à luta não há trégua, não se pode dormir. Expressa ainda que, mesmo diante da dor e das lágrimas que ficaram retidas nos olhos e que sangraram na alma, seus corpos nutrem memórias que não devem nem podem morrer, pois elas guardam a força das mulheres que antes vieram: “Ainás, Nzingas, Ngambeles / e outras meninas-luas” (EVARISTO, 2021, p. 26).

A esse poema de Conceição Evaristo e à canção eternizada por Nina Simone, outras múltiplas vozes, intertextos e discursos vão se somando e circulam no trabalho de Luedji Luna. Inscrevem na história a ancestralidade que os corpos vozeados carregam e deslocam no tempo. O destaque para os corpos negros é bastante simbólico nesse álbum visual.

Para Elisabeth Grosz (2020) a ideia de corpo, como conhecem as culturas atuais, é uma construção social que extrapola o aspecto biológico. Sobre o que se entende por corpo, a autora defende que ele “deve ser visto como um lugar de inscrições, produções ou constituições sociais, políticas, culturais e geográficas.” (GROSZ, 2000, p. 84) É evidente que a pele em que se habita carrega histórias, marcas, cicatrizes e memórias que só ela sabe contar. Mas é esse corpo também que,

tomado pela arte, pode se ressignificar em linguagens múltiplas. Sobre isso, Leda Martins (2021) explica que “[...] O corpo, a voz, a palavra, os gestos e movimentos ritualizam toda a performance regida pela respiração polifônica dos tambores” (MARTINS, 2021, p. 151) e, de acordo com seu pensamento, dentro das tradições afro-brasileiras, numa perspectiva antropológica: “O corpo é por excelência, o local da memória [...] Esse corpo/*corpus* não apenas repete um hábito, mas também institui” (MARTINS, 2003, p. 78).

Tanto em manifestações culturais quanto no trabalho de Luedji Luna, os corpos que se conectam com a ancestralidade produzem sentidos nos quais ecoam expressões que seriam intraduzíveis se fossem somente pelas palavras: elas são pura essência, são histórias, são dores, são lembranças, são afetos, são poesia, é o humano se transbordando em significados expressos em suas muitas linguagens corporais que certamente serão irradiados a outros corpos. Ou seja: “a palavra poética, cantada e vocalizada, ressoa como efeito de uma linguagem pulsional e mimética do corpo, inscrevendo o sujeito emissor [...] e o receptor em um circuito de potência e poder” (MARTINS, 2003, p. 67). No álbum visual de Luedji Luna, nota-se que essa potência da performance dos corpos descrita pela pesquisadora se evidencia. Nele, corpos que dançam, que sorriem, que se expressam livremente, mostram um desejo latente de se irmanar, de estabelecer laços de união entre negros e negras, com afeto e com aferro, a fim de construir um porvir mais justo para todos e todas, sem a presença cruel do racismo e de suas consequências.

Na obra audiovisual, a última estrofe do poema de Conceição Evaristo (2021) dialoga com a cena que se apresenta ao som do poema *Quase*, de Tatiana Nascimento. Durante essa interpretação, mulheres negras de diferentes idades, com vestes brancas, em tom festivo, percorrem a cena, todas unidas por um cordão vermelho. Representações que remetem a ancestralidade desses corpos negros, agora ressignificados: mulheres unidas por um fio/cordão umbilical, simbolizando que, pelo afeto e pela união, conseguiremos nos modificar como sociedade. Há uma conexão entre elas, que perpassa a ancestralidade, por meio das vestes e demais símbolos, projetando-se ao futuro, uma vez que há, entre essas mulheres, a presença de uma menina. Esta, em uma das imagens finais, deita sua cabeça no colo de uma das mulheres, tendo as outras ao seu redor, como uma cena que remete à proteção desse futuro. O rosto da menina é o que se vê antes da última imagem: Luedji Luna mergulhando no mar, como um retorno às águas do ventre feminino gerador da vida, como um recomeço. O poema de Conceição Evaristo reforça essa conexão feminina:

A noite não adormecerá
jamais nos olhos das fêmeas
pois do nosso sangue-mulher
de nosso líquido lembradiço
em cada gota que jorra

um fio invisível e tônico
pacientemente cose a rede
de nossa milenar resistência.

(EVARISTO, 2021, p. 26)

Nesse tecer de vozes e corpos que performam, após a faixa *Lençóis*, o poema *Quase* (2018), de Tatiana Nascimento, ganha interpretação no álbum. Observa-se, já nos primeiros versos, a presença da afetividade, a busca por amor e no desejo de ter amor e ser amada: “me dá um pedaço do seu amor?” (NASCIMENTO, 2018, s/p). As faixas do álbum visual de Luedji Luna que antecedem o poema *Quase* tratam de poéticas dos corpos femininos negros que nos sugerem estar atravessados pela ausência e solidão. Na apresentação do poema de Tatiana Nascimento, percebe-se uma modificação muito significativa que encaminha para o fechamento do álbum: a perspectiva da falta, seja ela material ou afetiva, é ressignificada ao amor, ao sujeito que é posto a esse sentimento e que o anseia. Essa transformação acontecerá dentro das esferas coletivas, mas também individuais, pois o caminho oposto ao da violência dos processos históricos precisa ser construído dentro de cada um/uma. Sobre isso, a artista nos diz que “a destituição da humanidade de mulheres negras é um resquício do processo de escravização e eu rompo com essa lógica – primeiro, dizendo que amo, sim, sou amada também e não é só sobre solidão” (LUNA, 2020, s/p).

O amor surge no álbum visual desde o primeiro momento, na letra da canção *Uanga*, de Lande Onawale. Ele “é coisa que moí muximba”, mas também é “o mesmo que faz curar”. Contudo, não se trata de amor romântico, de sentimento individual. É algo capaz de modificar histórias e percepções, de fortalecer e unir; uma força revolucionária que está contida em cada um/uma que se deixa guiar por afetos, em detrimento do ódio e da intolerância; uma escolha que nos humaniza, ao diminuir em nós todas distâncias provocadas histórica e culturalmente.

3 Considerações finais

O álbum visual *Bom mesmo é estar debaixo d'água* (2020), de Luedji Luna se inscreve dentre as relevantes obras artísticas contemporâneas. Ao se colocar como espaço de reflexão, mostra-se como uma obra artística que também é, ao mesmo tempo, crítica e política: transforma-se em espaço de reflexão contra as consequências do racismo, propõe a valorização da pessoa negra e de seu legado cultural; enfatiza a alegria de poder ser quem se é; desvela o amor como força e como forma de combate e de resistência.

Nessa obra audiovisual, a palavra poética – que muitas vezes é destinada ao cárcere das folhas do livro –, por meio da intermedialidade, agora se vê mais livre: expande-se e toma a forma da performance dos corpos, em gestos e vozes

de mulheres negras; está na força das imagens do mar, da religiosidade, da ancestralidade; está no tema do amor, como força propulsora da humanidade.

Nas canções e poemas apresentados, não é só Luedji Luna quem canta: por meio de sua voz, ouvem-se vozes que comungam existências e saberes múltiplos, evocando o protagonismo de vivências que afirmam histórias de lutas, resistências e vidas silenciadas e esquecidas. Nesse sentido, esse álbum visual se aproxima do que propõe Flora Süssekind (2013), quando destaca formas de textos contemporâneos que se compõem como um mosaico, ao conectar fragmentos e criar silhuetas vocais inusitadas e peculiares. Süssekind pondera que algumas formas literárias se apresentam como “corais” porque nelas podem ser percebidas “falas, ruídos e gêneros” diversos e também porque se conectam “a uma linhagem estabilizadora da literatura brasileira e à produção recente de cinema, teatro e artes plásticas” (SÜSSEKIND, 2013, s/p). A presença da literatura no álbum visual – fora de suas estruturas fixas e de suas especificidades rígidas – sem dúvida, amplia a poesia a partir dos diálogos propostos com a música, o cinema, a performance e outras. A literatura sai de si, tanto porque se retira do lugar canônico em que esteve muitas vezes nas tradições literárias e pode andar ao lado de outras artes, em condição de igualdade; como também porque, ao não se restringir à palavra escrita ou ao suporte do papel, cria asas, voa e consegue chegar aos que dela necessitam, tendo em conta que o álbum visual – lançado em 2020 –, até o momento, já alcançou mais de 590.000 visualizações no canal da artista, na plataforma digital *Youtube*.

Chegar a muito mais pessoas é um objetivo importante para o que se propõe de uma arte com as características desse álbum visual de Luedji Luna. Em uma sociedade como a nossa, fundada pela violência colonial que dizimou e/ou escravizou povos, devastou culturas, destruiu recursos naturais e forjou concepções e valores por meio da perspectiva de um poder hegemônico excludente e opressor, qualquer ação ou objeto de arte que seja capaz de, minimamente, esforçar-se pela reparação histórica, precisa chegar ao seu destino que é a mudança das atitudes e a construção de uma sociedade mais justa. É necessário que a arte nos possibilite a desconstrução de supostas verdades, principalmente, para o caso desse álbum visual, em relação ao povo negro e suas manifestações culturais e identitárias.

O racismo estrutural está presente em nossas condutas sociais, em nossas concepções e valores. Contudo, nem sempre isso se torna evidente para muitos, mesmo com as crueldades diárias sofridas pelas pessoas negras no Brasil, em especial, pelas as mulheres negras. Elas vivenciam dores, ausências; convivem com a presença da morte e do medo; conhecem o perigo constante de ser mulher negra e sofrer violência; sofrem, com maior frequência, a perda de seus filhos, de seus companheiros ou companheiras; perdem seus traços identitários e a condição de se perceberem e enxergarem-se em suas identidades. Essas situações conflituosas só causam danos em diversos sentidos.

Como um alento em meio a tudo isso, está a proposta da obra de Luedji Luna: pensar e viver o amor. Um amor possível, que começa em cada um/uma, para

superar todo o peso cultural do racismo, da dor e da solidão; um amor que possibilite o desejo pela vida, pelo prazer de ser; um amor que transborde o corpo negro e dele saia para ganhar os outros corpos, tão necessitados de compreender que a mudança é necessária e virá, mesmo que muitos não queiram ser acordados de “seu sono injusto”, como nos diz Conceição Evaristo.

É pela experiência desse amor – consciente e político – que o corpo feminino negro demonstra sua afetividade. Que sejamos capazes, na partilha da vida coletiva, de transgredir todas as formas de ódio e nos transformar em seres melhores que saibam ler em sentido amplo, amparados pela transgressão que nos ensina os textos intermediáticos, a linguagem universal do amor.

LITERATURE BEYOND ITSELF: “ESCREVIVÊNCIAS”, VOICES AND POWERFUL BODIES OF BLACK WOMEN IN “BOM MESMO É VIVER DEBAIXO D’ÁGUA”, BY LUEDJI LUNA

Abstract: This article analyzes the visual album “Bom mesmo é viver debaixo d’água” (2020), by the Bahian poet, singer and songwriter Luedji Luna. The objective is to discuss the intersections between this work and other languages, artistic and media forms, in particular, through the contact between poetry, music, performance and music video, in order to highlight the contemporary face of art built in dialogues and expansions that promote the expansion of its structures, languages and borders. In addition, the importance of this artistic work is highlighted as an instrument for reflection on ethnic-racial issues, with greater emphasis on valuing black identities and combating racism. The artist’s choice for this arduous struggle is for affection: love as an act of resistance and overcoming the pain suffered by black people within a racist society such as ours. For the analysis, three intertextual clippings were chosen within the visual album: I) the song “Ain’t got no”, by Nina Simone; II) the poem “The night does not fall asleep in the eyes of women”, by Conceição Evaristo; III) and the poem “Almost”, by Tatiana Nascimento. Three works to be perceived through the intermedia perspective that Luedji Luna introduce us. For the proposed discussions, we used some basic concepts, such as intermediality (CLÜVER, 2007; JUSTINO, 2015); “escrevivência” (EVARISTO, 2020) and nonspecificity of art (GARRAMUÑO, 2014).

Keywords: Contemporary art; Luedji Luna; Visual album; Intermediality.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo? In: AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo e outros ensaios*. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. (Feminismos Plurais).

ANDRADE, Antonio *et al.* *Indiccionário do contemporâneo*. PEDROSA, Celia *et al* (Org.). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

BEYONCÉ. *Lemonade*. (Álbum visual). Youtube, 2021. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=gHYwerZbMS4&ab_channel=D.N.AMusic >. Acesso em: 16 nov. 2021.

CARVALHO, Felipe. *Luedji Luna*: “Se eu ganhar, será um carimbo de que a MPB está mudando”. CNN Brasil. Disponível em: < <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/luedji-luna-se-eu-ganhar-sera-um-carimbo-de-que-a-mpb-esta-mudando/> >. Acesso em: 26 out. 2021.

CLÜVER, Claus. *Intermedialidade*. Pós. Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 5-23, nov. 2007. Disponível em: < <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/15413/12270> >. Acesso em: 16 nov. 2021.

DERRIDA, Jacques. *Essa estranha instituição chamada literatura*: uma entrevista com Jacques Derrida. Tradução de Marileide Dias Esqueda. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

EVARISTO, Conceição. *Escrevivência*: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. (Orgs.). Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. A noite não adormece nos olhos das mulheres. In: *Poemas da recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Malê, 2021.

FOUCAULT, Michel. Prefácio à Transgressão. In: FOUCAULT, Michel. *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

GARRAMUÑO, Florencia. *Frutos estranhos*: sobre a inespecificidade na estética contemporânea. Tradução de Carlos Nougué. Rio de Janeiro. Rocco, 2014.

GROSZ, Elisabeth. *Corpos reconfigurados*. In: *Cadernos Pagu*. Campinas. UNICAMP, 2000.

HARRISON, Cara. *The visual album as a hybrid art-form*: A case study of traditional, personal, and allusive narratives in Beyoncé. Orientador: Max Liljefors. 2014. 82 p. Dissertação de Mestrado (Master of Arts). Lund University, Lund, Suécia, 2014. Disponível em: < <https://lup.lub.lu.se/luur/download?func=downloadFile&recordId=4446946&fileId=4449459> >. Acesso em 24 nov. 2021.

HOOKS, Bell. *Tudo sobre o amor*: novas perspectivas. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021.

JUSTINO, Luciano Barbosa. *Literatura de Multidão e intermedialidade*: ensaios sobre ler e escrever o presente. Campina Grande, EDUEPB, 2015.

LUNA, Luedji. *O amor é fundamental para reconstrução da nossa humanidade*. Entrevistada: Luedji Luna. Entrevistadores: Marina Duarte de Souza, Isa Chedid e José Eduardo Bernardes. Rádio Brasil de Fato, 27 jul. 2021. Podcast. Disponível em: < <https://www.brasildefato.com.br/2021/07/27/luedji-luna-o-amor-e-fundamental-para-reconstrucao-da-nossa-humanidade#.Yaex6-kwq7Y.whatsapp>>. Acesso em: 22 nov. 2021.

LUNA, Luedji. *Bom mesmo é estar debaixo d'água*. (Álbum visual). Youtube, 2020. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=Z7lPX61UdJ4&ab_channel=LuedjiLuna>. Acesso em: 20 nov. 2021.

MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da memória: o Reinado do Rosário no Jatobá*. 2 ed. São Paulo. Perspectiva; Belo Horizonte, MG. Mazza Edições, 2021.

MARTINS, Leda. *Performances da oralitura: Corpo, lugar da memória*. Belo Horizonte: UFMG. Letras, 2003 (26), 63-81p. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881>. Acesso em 12 de agosto de 2021.

MIRANDA, Wander Melo. Formas mutantes. In: *Expansões contemporâneas: literaturas e outras formas*. Ana Paula Veiga Kiffer e Florencia Garramuño, organizadoras. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2014.

NASCIMENTO, Tatiana. *Quase*. Disponível em: <<https://palavrapreta.wordpress.com/>>. Acesso em 01 de novembro de 2021.

OLIVEIRA, Solange Ribeiro de. *Literatura e música: união indissolúvel*. Revista Internacional Em Língua Portuguesa, (37), 93-114. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) Disponível em: <<https://doi.org/10.31492/2184-2043.RILP2020.37/pp.93-114>>. Acesso em: 16 out. 2021.

PINA, Rute. *Luedji Luna: “Faço música na perspectiva da cura”*. Reportagem. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/especiais/luedji-luna-faco-musica-na-perspectiva-da-cura/>>. Acesso em: 25 nov. 2021.

SILVA, Isabella Candido da. *O som que fez o som de Luedji Luna*. Itaú Cultural. 2021. Disponível em: <<https://www.itaucultural.org.br/secoes/entrevista/som-que-fez-som-luedji-luna>>. Acesso em: 17 nov. 2021.

SIMONE, Nina. *Ain't got no, I got life*. Música. Youtube, 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=L5jI9I03q8E&ab_channel=drMandinga>. Acesso em: 20 nov. 2021.

SÚSSEKIND, Flora. *Objetos verbais não identificados*. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/prosa/post/objetos-verbais-nao-identificados-um-ensaio-de-flora-sussekind-510390.html>. Acesso em: 12 set. 2021.

Recebido em 15 de novembro de 2021

Aprovado em 15 de dezembro de 2021